

Economía Espacial

MILTON



SANTOS

edusp

Copyright © 2003 by Família Santos

1.ª edição Hucitec 1979
2.ª edição Edusp 2003

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Santos, Milton, 1926-2001

Economia Espacial: Críticas e Alternativas / Milton Santos;
tradução Maria Irene de Q. F. Szmrecsányi. – 2. ed. – São Paulo:
Editora da Universidade de São Paulo, 2003. – (Coleção Milton
Santos; 3)

Bibliografia.

ISBN 85-314-0773-7

1. Espaço em economia 2. Geografia humana – Áreas sub-
desenvolvidas 3. Países em desenvolvimento – Condições
econômicas 4. Planejamento urbano – Áreas subdesenvolvidas
I. Título. II. Série.

03-2544

CDD-910.091724

Índices para catálogo sistemático:

1. Áreas subdesenvolvidas : Geografia humana 910.091724

Direitos em língua portuguesa reservados à

Edusp – Editora da Universidade de São Paulo
Av. Prof. Luciano Gualberto, Travessa J, 374
6º andar – Ed. da Antiga Reitoria – Cidade Universitária
05508-900 – São Paulo – SP – Brasil Fax (0xx11) 3091-4151
Tel. (0xx11) 3091-4008 / 3091-4150
www.usp.br/edusp – e-mail: edusp@edu.usp.br

Impresso no Brasil 2003

Foi feito o depósito legal

A TOTALIDADE DO DIABO: COMO AS FORMAS GEOGRÁFICAS DIFUNDEM O CAPITAL E MUDAM AS ESTRUTURAS SOCIAIS

IMP 7/11/2014

Podem os objetos geográficos desempenhar um papel instrumental, levando a efeito transformações na sociedade?

Schumpeter (1950, p. 12) vale-se do exemplo da máquina a vapor cujos "surgimento e funcionamento [...] criam novas funções e localizações sociais, novos grupos e pontos de vista, os quais se desenvolvem e interagem de tal modo que tendem a superar seu próprio quadro de referência".

Neste caso, entretanto, não é o objeto em si que tem a capacidade de provocar mudanças. A máquina a vapor nada mais é do que um instrumento da evolução social, uma forma criada por um novo momento histórico da formação socioeconômica e apenas um resultado deste momento. Estrutura, processo, forma e função são categorias da mesma sociedade global.

Na atualidade, contudo, formas transferidas de uma formação socioeconômica para outra podem comportar a força de modificar esta última.

albo

IMP

AS FORMAS COMO FERRAMENTA DO CAPITAL

As condições históricas presentes facilitaram o mecanismo de expansão do capital no espaço através do uso das formas¹.

O subdesenvolvimento é visto agora pelo Terceiro Mundo como algo que lhe foi exportado pelos países desenvolvidos, como resultado de sua dependência e da troca desigual. Os métodos e a ideologia do planejamento que prevaleceram na década de 1950 perderam sua credibilidade e não mais são aceitáveis para os países do Terceiro Mundo.

Algo de novo tinha de ser inventado para substituí-los. E foi encontrado nas próprias condições do atual período tecnológico. Na verdade, os mais recentes avanços tecnológicos equipam as economias centrais de objetos cuja estrutura técnica abriga potencialidades, no sentido conferido a este termo por Hegel, para quem os objetos são dotados de "conteúdo e finalidade" (in Knox, *Intr.*, 1962, p. 312) e por Tran-Duc-Thao (1971, p. 207) que afirma terem eles uma "forma de intencionalidade". As coisas adquiriram um tipo de poder que nunca haviam possuído anteriormente.

Em conseqüência, o mecanismo do planejamento tornou-se mais sutil. Os povos e países envolvidos, que têm passado da lavagem cerebral das teorias ocidentais acerca do crescimento e do espaço ou que se encontram indefesos perante elas, podem nem sequer suspeitar dos efeitos do planejamento.

Tal mecanismo tornou-se também mais inclusivo e irreversível porque, de um lado, os instrumentos de trabalho aumentaram de tamanho não podendo, assim, ser facilmente transportados – crescendo,

1. As formas foram usadas no passado para ajudar a transformação da estrutura social tanto no campo como na cidade. O movimento dos *enclosures* no século XVIII na Inglaterra é um exemplo típico. Em Paris, a reconstrução da rue de Rivoli, no século XIX, foi feita para lhe conferir um conteúdo social específico. Proibiram-se certos tipos de comércio (por exemplo, cf. escreve Gideon, 1967, p. 714, cartazes e mercearias foram excluídos), a fim de restringir à burguesia rica o privilégio de lá viver. Em Londres a idéia foi a de separar as ruas comerciais das residenciais.

Planejamento 1950 + SUTIL
O planej. cambia p/ as formas

sempre para o mesmo fim

portanto, o total de capital fixo – e, de outro lado, porque o conteúdo técnico destes objetos geográficos tornou-se bem mais explícito².

→ As formas, este novo cavalo de Tróia, tornaram-se um meio de penetração nos países subdesenvolvidos – particularmente nos Estados não alinhados ou de orientação socialista – por duas razões principais:

1. seus resultados não são imediatamente visíveis, o que constitui uma mudança significativa com relação ao planejamento da década de 1950 e do início da de 1960;
2. em razão da natureza técnica das novas formas, não se torna necessário tocar na estrutura socioeconômica, o que teria importantes conseqüências políticas.

Na verdade, três mecanismos foram postos em ação:

1. a implantação de novas formas, anteriormente meros suportes da estrutura, mas agora geradoras de novas funções que lhes são específicas.

2. a substituição de funções já existentes por outras mais “funcionais” em termos capitalistas, através da ação direta sobre antigas formas que são extirpadas e substituídas por novas;

3. a execução de projetos de planejamento aparentemente isolados mas que, contudo, visam ao mesmo alvo: acelerar a modernização capitalista e frustrar, se necessário, projetos nacionais de desenvolvimento.

Não mais se pode ver as formas como desprovidas da força de criar ou de determinar relacionamentos. Como um resultado de outro sistema de relações, em uma outra Temporalidade e em uma outra Totalidade – em poucas palavras, num sistema diferente de determinações –, elas tornaram-se dotadas da força de gerar novos relacionamentos.

O fato notável é que daí por diante foi possível dirigir a ação exclusivamente às formas e não mais necessariamente formas e estrutura juntas. A ação direta sobre a estrutura envolve negociações delicadas e

J. D. São & outros

2. Além disso, estes novos objetos deviam ser grandes projetos, “uma base necessária para outros projetos” como escreve Hagen (1962, p. 44). Estes próprios projetos pioneiros representam um capital auxiliar, isto é, capital emprestado a baixas taxas ou mesmo doado, mas indispensável à abertura da porta ao capital produtivo privado.

mudar as formas

o risco de rejeição por um governo consciente de seu perigo. Através das formas, entretanto, a estrutura socioeconômica de um país pode ser facilmente atacada.

Por quê?
A AÇÃO SOBRE O MUNDO RURAL

As formas correntes de ação em áreas rurais ajustam-se neste esquema geral. Programas oficiais garantem empréstimos a pequenos proprietários de terra para a compra de sementes, fertilizantes, equipamento etc. e encorajam a comercialização e a administração modernas. Isto é feito sob o pretexto de ajudar a solucionar problemas de abastecimento de alimentos e de pobreza rural, mas a finalidade verdadeira é modernizar a economia rural e aumentar a composição técnica e orgânica do capital na agricultura. Obviamente, qualquer alteração técnica na agricultura é seguida por uma modificação na propriedade da terra que é, ela própria, uma forma: uma forma jurídica mas também espacial.

O desencadeamento dos mecanismos de "ajuda" logo eleva a necessidade de capital na agricultura, não apenas na esfera da produção mas também em outras atividades. Ocorrem concentrações no mercado atacadista, no transporte, no frete, e de novo na propriedade da terra, formando-se verdadeiros monopólios rurais. Na verdade, tais programas não fazem senão ajudar os já favorecidos.

A Revolução Verde, cuja finalidade era seduzir países subdesenvolvidos para a adoção de certas formas de modernização agrícola, tem sido desapontante mas ainda conta com largo séquito (vejam-se, por exemplo, Edwin J. Wellhausen, 1976; W. David Hopper, 1976).

A experiência mexicana, a mais divulgada, tem sido também a mais criticada. Segundo R. d'A. Shaw (1973), seus resultados muito modestos – um aumento no produto total de cerca de 5% ao ano – obscurecem "grandes e crescentes desigualdades do rendimentos". Cinco por cento dos agricultores produziram 54% do produto agrícola total e foram responsáveis por 80% do aumento na produção agrícola entre 1950 e 1960. O número de trabalhadores rurais sem terra aumentou

Pop.
O USTNY E ISMND

de 2,3 milhões em 1950 para 3,3 milhões em 1960; o número médio de dias de trabalho caiu de 194 para cem durante o mesmo período e sua renda real reduziu-se de 68 para 56 dólares (1973, p. 178).

No entanto a Revolução Verde tem sido apoiada por constante publicidade porque envolve o uso intensivo de fertilizantes, sementes e equipamentos, que têm de ser importados. Ela também transtorna os processos tradicionais de comercialização e cria as condições para a instalação de grandes monopólios importadores-exportadores, muitos dos quais são subsidiários de firmas multinacionais. E, naturalmente, ela também tem desorganizado o padrão tradicional de propriedade de terra, com o desenvolvimento de empresas agrícolas capitalistas às expensas de pequenos proprietários³.

Outra forma de ação é o desenvolvimento de estradas vicinais⁴. Isto tem sido planejado e executado em muitos países. McCall (1977) acentua os efeitos integrativos dos transportes no conjunto da economia capitalista mundial, sua necessidade de expansão futura e os "meios sutis com que os transportes promovem a penetração de áreas rurais". Esse autor mostra ainda que a "penetração não é meramente a introdução de novas maneiras de produzir" mas também "implica a destruição daquilo que existia anteriormente no local" e na "introdução ou no desenvolvimento de termos punitivos de troca", que reorientam o comércio rural para uma rede mundial. É o conjunto de toda a economia que é obrigado a mudar, freqüentemente através da distorção de linhas de desenvolvimento estabelecidas há muito tempo e mais adequadas às necessidades do país.

3. Para uma crítica sistemática da Revolução Verde, vejam-se Harri M. Cleaver Jr., 1972; Ali M. S. Fatemi, 1972; e Michael Meeropol, 1972.

4. Escrevendo sobre o potencial de um programa de melhoramento rodoviário como meio de intensificar a produção agrícola, W. Owen (1968, p. 61) afirma que "um programa desta magnitude realça a importância de se concentrarem esforços primordialmente na remuneração potencial de uma agricultura melhorada em vez de se permitir que considerações políticas ou geográficas prevaleçam". Sobre o impacto de estradas agrícolas ver, entre outros, Helmut Schuster (1973). Wilfried Owen (1968) faz um balanço dos efeitos de estradas vicinais sobre a modernização, principalmente na Índia.

desenvolvimento / organização uma nova forma

A TOTALIDADE DO DIA... • 191

↓
Como as formas mudam
de Economia

Tempo velocidade

no solo

Esta modificação proposital das formas espaciais introduz um novo ritmo nas trocas e, em compensação, introduz nova regulação do tempo nos vários estágios da produção. A troca é cada vez mais mediada pelo dinheiro, provocando a circulação mais rápida tanto do capital-mercadoria como do capital-dinheiro. A necessidade de financiamento cresce e a necessidade de dinheiro vivo rapidamente se torna frenética. Além disso, a monetarização e as novas facilidades propiciam a entrada e o consumo de produtos modernos no campo.

6

A mais recente estratégia do planejamento capitalista é evitar aparecer como um conjunto global e coerente de empreendimento⁵. Ações isoladas podem parecer inofensivas, mas, quando consideradas no seu conjunto, deixam claras as conseqüências perniciosas que envolvem.

III

Se compararmos as duas estratégias de planejamento descritas acima, tornar-se-á evidente que ambas trabalham do mesmo modo. Ambas são um passo em direção ao salto qualitativo que leva à mudança da reprodução simples, necessária à sobrevivência do grupo, para a reprodução ampliada, necessária à acumulação.

IV
ECONOMIA ESPACIAL, TEMPO E ALTERNATIVAS

A divisão do trabalho também é um instrumento da expansão capitalista⁶. Uma vez que se estabeleceu a separação de atividades, o resultado de cada uma delas se torna uma mercadoria. A troca passa a ser um imperativo por causa do próprio nível do processo produtivo: assim, a cada dia um grande número de valores de uso se metamorfoseia em valores de troca, essenciais ao sistema capitalista.

Em vez de o sobreproduto ser usado para gerar dinheiro e a compra de mercadorias necessárias – em outras palavras, para produzir a seqüência mercadoria-dinheiro-mercadoria – o mecanismo se torna diferente, ou seja, dinheiro-mercadoria-dinheiro. A essa altura o dinheiro já não é mais um simples intermediário das trocas de produtos

5. A leitura de alguns estudos recentes sobre o neoplanejamento ajuda a compreender isto. Vejam-se, por exemplo, Robert Olivier (1971); Todaro (mar. 1969, 1973); e P. Kilby (1968).
6. Não é a acumulação que cria a divisão do trabalho mas a divisão do trabalho constitui a pré-condição para a acumulação. Veja-se Marx, *Theories of Surplus-Value*, livro III, cap. XXI, p. 270, Progress, Moscou.

individuais. Agora é o próprio dinheiro que inicia o processo de circulação. Trata-se do *salto mortale* a que se refere Marx (*Capital*, vol. I, parte I, cap. III, seção 1), a metamorfose que traz consigo, em definitivo, o nexu capitalista⁷.

A AÇÃO NO MEIO URBANO

O mesmo mecanismo se aplica às cidades. Através da ação sobre as formas, tanto novas como renovadas, o planejamento urbano constitui muitas vezes meramente uma fachada científica para operações capitalistas. A construção de projetos de arranha-céu e de obras públicas de grande escala, por exemplo, implica um grande investimento nas cidades. Estas atividades construtivas, ao mesmo tempo em que implicam a importação de equipamentos, de matéria-prima e de capital, aprofundando a necessidade deste nessas áreas, desencaminham capitais necessários de outras atividades urbanas ou mesmo nacionais. Uma nova composição do capital tende a se espalhar por todo o país.

Dentro deste contexto, um exemplo particularmente chocante de tais iniciativas é a renovação de Kariakoo, centro comercial e núcleo da parte africana de Dar-es-Salaam. O projeto visa a substituir as formas tradicionais por formas modernas. Ele envolve a demolição de grande área residencial pobre, na qual vivem hoje aproximadamente oitenta mil pessoas – isto é, 16% da população total da cidade – e a construção de um bairro inteiramente novo no mesmo local.

Este projeto, que envolverá grandes somas de capital de empréstimo a curto prazo, deve ser financiado pelo Banco Mundial. Suas plenas implicações não podem ser captadas sem se considerar o caráter presente da área: sua população, as atividades específicas que aí se desenvolvem e sua localização dentro da cidade mais ampla.

7. As mercadorias entram primeiramente no processo de troca exatamente como são. O processo, então, as diferencia em mercadorias e dinheiro e, desta forma, produz uma oposição externa correspondente àquela interna que lhes é inerente por serem ao mesmo tempo valores de uso e valores. As mercadorias como valor de uso colocam-se agora em oposição ao dinheiro como valor de troca. Marx, *O Capital*, seção 2 (a), livro I, parte I, cap. III.

1945 - INÍCIO do fim do sistema no uso marginal do espaço

Kariakoo há muito tempo tem sido o sítio do mercado atacadista central tanto para a cidade como para o campo; é o *locus* econômico e geográfico de uma dupla articulação que se dá tanto entre os lados rural e urbano do modo de produção prevalecente – mas não dominante – na Tanzânia, que classifico como o “circuito inferior das economias pobres”, como entre os circuitos superior e inferior (Santos, 1975a, 1975b, 1978). De um lado, bens modernos ou imitações de bens modernos, manufaturados primordialmente no campo, são trocados neste mercado; de outro lado, uma parte significativa da produção artesanal da cidade e do campo mas, mais essencialmente, a produção alimentar destinada ao consumo urbano são para aí levadas para redistribuição ou venda direta.

Kariakoo e seu mercado constituem um elo orgânico e funcionalmente eficiente entre a economia e a população rurais pobres e a economia e a população urbanas pobres. O mercado e suas múltiplas atividades periféricas são também uma fonte importante de empregos. Nas ruas da vizinhança, a maioria das casas abriga um pequena loja varejista, um restaurante, um hotel, uma oficina de consertos, ou talvez um escrevente público; a praça está lotada de mascates e de carregadores.

O projeto já está sendo realizado e um mercado moderno, organizado como uma empresa capitalista administrada pelo Estado, está em funcionamento. Quando os novos projetos habitacionais estiverem prontos, a forma e a função do bairro serão totalmente diferentes. As novas casas terão novo conteúdo. Os mais pobres serão removidos para áreas periféricas. Não se pode falar de especulação com a terra urbana num país de orientação socialista onde o solo urbano foi nacionalizado; nem se pode falar de especulação imobiliária onde há controle de aluguéis; assim mesmo, todavia, nova distribuição da população terá lugar, segregando as pessoas em termos de diferenças de renda.

Esta nova forma espacial agirá como um tipo de muro entre o campo e a cidade, ambos participantes do mesmo modo específico de produção. A existência deste muro levará primeiro ao desmantela-

sobrevalor

mento de uma forma simples de circulação de mercadorias e de pessoas e, depois, à completa dependência do circuito inferior com relação a um circuito superior revitalizado.

A estrutura capitalista deitará raízes num setor muito importante da economia, drenando o sobrevalor gerado pelos pobres rurais e as poupanças potenciais dos pobres urbanos. A nova forma espacial terá efeitos mortais sobre o comércio e a produção tradicionais: o comércio atacadista tradicional será substituído por modernas formas, mais burocráticas, de comercialização. O comércio atacadista elementar, hotéis ou restaurantes pequenos e baratos, lojinhas de comércio, de artesanato e de reparos não existirão na área renovada. Infelizmente a modernização capitalista se imporá por toda parte.

O Estado nacionalizou todo o comércio de importação-exportação, a fim de privar o capitalismo de pelo menos um de seus meios de acesso à economia do país; estamos prestes a testemunhar o nascimento de uma atividade monopsônica – talvez sob a proteção de uma empresa de propriedade do Estado – exatamente na produção e distribuição de setores dos quais depende o abastecimento alimentar da população urbana.

O projeto agora em execução é um caso típico de curto-circuito do circuito inferior da economia, a fim de permitir uma ampla difusão do capital no espaço. Mas, pela mesma moeda, ele implica o curto-circuito do projeto político-econômico geral do governo.

O que é mais provável que aconteça agora é uma série de crescentes concentrações de capital em todas as atividades direta ou indiretamente vinculadas ao projeto. O crescimento econômico que se vale do capital concentrado a serviço de uma estrutura capitalista gera pobreza. Esta pobreza será estruturalmente diferente da atual, porque a economia pobre nativa perderá sua independência com relação ao circuito moderno da economia urbana. Certamente as atividades do circuito inferior não desaparecerão por completo, uma vez que a pobreza será agravada ao invés de erradicada; essas atividades, entretanto, tornar-se-ão dependentes dos interesses e atividades do circuito superior.

circuito superior → redes
que não é mais o mesmo

140
cap. 1
1960

Tal mecanismo não opera exclusivamente em países pobres, não alinhados e não capitalistas, como a Tanzânia. Ele também é instrumental no agravamento da modernização capitalista em países como a Venezuela, que já tem altos níveis de capital investido. Aí a questão não é introduzir um nexo capitalista mas, muito mais, criar as condições necessárias ao funcionamento do capital especulativo. A renovação urbana é um método muito eficiente de alcançar esta meta.

Em Maracaibo, cidade de um milhão de habitantes, na Venezuela, existem dois centros. Há, primeiro, o centro tradicional, densamente povoado, localizado dentro da antiga cidade (chamada o velho casco desde 1800) e hoje espalhando-se para além de seus limites originais. O outro é o centro moderno espraiado ao longo de algumas poucas avenidas principais.

O velho centro, situado na margem do lago, era ao mesmo tempo o centro popular e cívico-religioso da cidade. Nele realizava-se um comércio popular denso e ativo. Muitos comerciantes eram ao mesmo tempo produtores. Os 35 mil habitantes do lugar, a maioria dos quais de baixa classe média (tradicional) e de renda baixa, viviam nas habitações tradicionais e eram os habituais fregueses dos negócios e mercados locais; estes mercadores, contudo, drenavam também uma população de baixa renda de outras partes da cidade.

Há meio século este velho centro era o sítio da maior parte da atividade da cidade, sendo ainda a principal área residencial para os venezuelanos. Os trabalhadores e funcionários das companhias de petróleo estavam estabelecidos num acampamento fora da cidade. Com a rápida expansão do petróleo na década de 1910, a cidade explodiu projetando-se para fora pela abertura de novas avenidas, as quais, inicialmente, alojaram os escritórios centrais daquelas companhias e, depois, bancos, grandes lojas, butiques de luxo e novos serviços. Desde então o velho centro perdeu muito de seu dinamismo. Muitas casas deterioraram; outras foram salvas sendo usadas para novos fins: pequenos negócios e serviços, oficinas artesanais etc.; mas a maior parte delas permaneceu como lembranças arquitetônicas de uma paisagem urbana em mudança.

A expansão econômica e demográfica da cidade, a construção de avenidas modernas, a ponte cruzando a baía e as estradas para o sul levam à valorização da terra urbana ainda ocupada e usada pela população de baixa renda.

Embora o projeto de renovação tenha sido anunciado como uma melhoria da circulação do tráfego dentro da cidade, na verdade ele serviu aos propósitos de uma operação especulativa que hoje expulsa da área os pobres e suas atividades e os substitui por atividades de alta intensidade de capital. Propôs-se um tamanho mínimo para os lotes destinados à construção e o período desta foi restringido a um mínimo. Isto significa que, para permanecer ali, as pessoas careciam de uma certa quantia de dinheiro. A maioria dos antigos habitantes teve que se mudar para a periferia da cidade.

Embora o ritmo de construção seja bastante lento, o de destruição e de expropriação segue a plena velocidade. O mercado central foi evacuado, para se transformar eventualmente num museu. Nas suas redondezas, os quarteirões habitacionais foram completamente arrasados para a construção de um *shopping-center* e de um supermercado. Ambos constituem mais do que símbolos.

Mais uma vez está em operação um processo que eventualmente separará a economia pobre rural da economia pobre urbana. Produtos agrícolas que costumavam ser trazidos por barcos através do lago, às vezes diretamente pelo produtor, agora cada vez mais são transportados por caminhões cujos donos agem como intermediários e que, o mais das vezes, vendem sua carga a atacadistas direta ou indiretamente vinculados ao sistema bancário. Isto resulta em preços mais altos para a população urbana e numa perda de ganhos possíveis para a população rural. Tais conseqüências são inevitáveis quando se ergue uma barreira e separam-se dois lados de um único modo de produção concreto, como no caso de Dar-es-Salaam.

Em Caracas, uma das últimas comunidades populares autênticas ainda existentes dentro da cidade está condenada ao desaparecimento. Novamente o pretexto para a operação é a limpeza física e social do ambiente. Evidentemente o projeto se orienta para as "potencialidades

de desenvolvimento" da área, isto é, para uma mudança no uso do solo para atividades mais modernas e lucrativas. Isto envolve a remoção de 60 mil habitantes da área – ou seja, trata-se de um projeto de "renovação" de escala bastante ampla. O financiamento provém de fundos públicos (cerca de 300 milhões de dólares). Mais uma vez o zoneamento é posto a serviço da segregação e da especulação.

Estes e outros exemplos que poderiam ser citados são projetos isolados; não obstante, todos eles fazem parte do mesmo processo e provêm do mesmo impulso: a necessidade de expansão capitalista, comparável em agressividade à expansão do terceiro quartel do século XIX, quando o imperialismo apareceu como solução para as crises econômicas. Agora o volume de capital à procura de investimento é muito maior e o que está em jogo é mais importante econômica e politicamente.

As formas se tornaram instrumentos ideais para promover a introdução do capital tecnológico estrangeiro numa economia subdesenvolvida e para ajudar o processo de superacumulação, cuja contrapartida é a superexploração. Aqueles países em que isto ocorre têm sua economia distorcida, suas tradições sacrificadas e suas populações empobrecidas.

1MPT7

→ A FENOMENOLOGIA DO ESPAÇO E A TOTALIDADE DO DIABO

Gramsci (1971, p. 85) escreveu que "é mais fácil falar acerca do conteúdo do que falar sobre as formas, porque o conteúdo pode ser tratado logicamente". Parece, entretanto, que muitos geógrafos simplesmente ignoram o mistério das formas; eles são empiristas que, atraídos pela falsa objetividade do mundo sensível, interpretam a coisa através da própria coisa, o espaço apenas pelo espaço. Eles deveriam ser chamados espacistas ou geografistas.

Há também aqueles que tentam enxergar através deste "mistério das formas" de uma maneira menos mecanicista. Um artigo de J. Einchenbaum e S. Gale (*Economic Geography*, n.º 47, pp. 524-544,

1971), por exemplo, descreve um nexu verdadeiro, uma múltipla combinação de possibilidades, e procura descobrir sua razão fundamental⁸.

Atingiu-se o progresso mais significativo quando se apontou uma oposição entre processo e forma. Atribuiu-se a ambos uma relação de causa e efeito, sendo a forma considerada um resultado do processo. Não obstante, mesmo esta última abordagem deixa de levar em consideração a totalidade da qual processos e formas são apenas instâncias.

Não é suficiente falar-se de processo. Os processos nada mais são do que uma expressão da totalidade, do que uma manifestação de sua energia na forma de movimento; eles são o instrumento e o veículo da metamorfose da universalidade em singularidade por que passa a totalidade. O conceito de totalidade constitui a base para a interpretação de todos os objetos e forças.

O estudo da totalidade conduz a uma escolha de categorias analíticas que devem refletir o movimento real da totalidade. Devemos levar em consideração, além das categorias *tempo e escala* que funcionam externamente, as categorias internas estrutura, função e forma. A noção de *processo* permeia todas estas categorias. O processo, entretanto, nada mais é do que um vetor evanescente cuja vida é efêmera; é um breve momento, a fração de tempo necessária à realização da estrutura, que deve ser geografizada, ou melhor, espacializada, através de uma função, isto é, *através* de uma atividade mais ou menos duradoura e *pela* sua indispensável união a uma forma. A forma geralmente sobrevive à sua função específica.

Um processo termina quando uma fração da estrutura chega a ser objetificada numa forma particular, com uma função particular. Então um novo processo se inicia.

Não há nem estrutura nem função sem forma. Toda forma tem uma função que tanto pode cooperar com a estrutura como contradizê-la. Trata-se aqui de uma forma com um conteúdo, de uma forma-conteúdo.

8. Sobre este assunto veja-se J. M. Blaut (1961, 1962); Robert Sack (1972); D. Harvey (1967, 1969); e Leslie King (1969).

chaleira

de uma realidade, em oposição à forma vazia que consiste quer numa expectativa quer numa ilusão.

O ponto essencial é que as categorias estrutura, função e forma, bem como a de processo (tempo e escala), são indissociáveis tanto enquanto categorias analíticas como enquanto categorias históricas. Elas são as categorias que definem a totalidade concreta, a totalidade em seu processo permanente de totalização.

Não obstante, as relações entre estas categorias são muitas vezes vistas como uma ordem rígida, inalterável, como uma verticalidade, à maneira estruturalista. Vale dizer, a forma é sempre pensada como algo a ser comandado: comandado pelo processo, pela função, pela estrutura, quer em separado, quer conjuntamente.

Poder-se-ia dizer que cada objeto tem sua própria qualidade específica se, como propõe S. T. Meliujin (1963, p. 141), "a qualidade é a determinação essencial interna ao objeto [e] sem a qual este cessaria de ser o que é". A determinação interna constitui, por sua vez, "o conjunto das mais importantes propriedades do objeto em sua unidade indissolúvel".

No dizer de Baudrillard (1973, p. 11): "em nossa vida diária estamos praticamente inconscientes da realidade tecnológica dos objetos, esquecemos que ela comanda transformações radicais no ambiente".

O objeto, matéria inerte, torna-se o depositário de uma migalha de movimento, torna-se forma-conteúdo, quando associado a uma totalidade social que age como uma força de transformação.

Neste ponto é necessário distinguir epistemologicamente entre o modo de produção e a formação socioeconômica já que esta é uma distinção essencial na realidade.

Em cada momento histórico as novas formas representam o modo usual de produção. Mas é a formação socioeconômica que lhes dá sua significação real-concreta dentro do sistema.

As formas não constituem apenas uma figura de matéria vagamente percebida; elas são uma figura de matéria que comporta uma finalidade a ser cumprida. Todas as formas são dotadas de uma estrutura técnica que compromete o futuro. Isto se torna ainda mais intenso no presente período tecnológico.

A nova forma chega junto com um conteúdo importado. A incorporação de uma nova forma à formação socioeconômica significa a incorporação de seu conteúdo à mesma formação socioeconômica. Os modos de produção garantem a continuidade histórica, inclusive a continuidade histórica das formas. Mas é apenas dentro da formação socioeconômica específica que as formas adquirem um papel social efetivo. Mesmo assim a especificidade de seu papel, moldada na especificidade da formação socioeconômica envolvida, não implica que elas percam o papel que já têm dentro do modo de produção dominante que é o modo de produção dos países difusores do centro do sistema.

A nova forma introduz novos relacionamentos, uma dependência crescente que, daí por diante, impelirá a formação socioeconômica em direção a uma mudança estrutural, muitas vezes fundamental. Este momento histórico é um momento crucial em que ocorre uma mutação produzindo uma mudança qualitativa nas condições previamente prevalentes.

As infra-estruturas criam restrições à organização espacial, localização seletiva do capital, de instituições e de pessoas; quanto mais pobre o país, mais agudo isto se torna. Quanto mais descontinua a circulação no espaço, menos este tem fluidez e mais fortes são os efeitos das restrições infra-estruturais.

Mas as formas podem também ser usadas para diminuir e enfraquecer a soberania de qualquer país subdesenvolvido, seja ele capitalista ou socialista. Deve ser compreendido que, tal como são utilizadas pelo capitalismo internacional, as formas são ferramentas da estratégia que visa a prevenir a transição para o socialismo. Dentro de uma totalidade planejada para se encaminhar numa dada direção, as formas governadas por uma intenção oposta frustram os esforços de reconstrução e solapam todo o projeto.

A introdução da inovação capitalista em um país em desenvolvimento abre sua formação socioeconômica a influências externas e reforça sua dependência com relação ao modo de produção dominante. A formação socioeconômica dependente recebe, então, a influência direta de um ou vários países do centro.

IMP

Rep + ...

USA

Proj

M...

A TOTALIDADE DO DIABO

• 201

RWS ou o POW

A formação socioeconômica é realmente uma totalidade. Não obstante, quando sua evolução é governada diretamente de fora, sem a participação do povo envolvido, a estrutura prevalecente – uma armação na qual as ações se localizam – não é a da nação, mas sim a estrutura global do sistema capitalista. As formas introduzidas deste modo servem ao modo de produção dominante em vez de servir à formação socioeconômica local e às suas necessidades específicas. Trata-se de uma totalidade doente, perversa e prejudicial.

fora da estrutura?

BIBLIOGRAFIA

- BAUDRILLARD, Jean. *Pour une critique de l'économie politique du signe*. Paris, Gallimard, 1972 (edição em espanhol, México, 1973).
- BLAUT, J.M. "Object and Relationship". *The Professional Geographer*, vol. XIV, n.º 6, nov. 1962.
- . "Space, Structure and Maps". *Tijds. Econ. Soc. Geography*, vol. 62, pp. 18-21, jan.-fev. 1961.
- CLEAVER JR., Harry M. "The Contradictions of the Green Revolution". *Monthly Review*, pp. 80-110, jun. 1972.
- EINCHENBAUM, J. & GALE, S. "Form, Function and Process". *Economic Geography*, n.º 47, pp. 524-544, 1971.
- FATEMI, Ali M.S. "The Green Revolution: An Appraisal". *Monthly Review*, pp. 112-119, jun. 1972.
- GIDEON, Siegfried. *Mechanization Takes Command*. New York, Oxford University Press, 1967.
- GRAMSCI. *Letteratura e vita nazionale*. Roma, Editori Riuniti, 1971.
- HAGEN, Everett. *On the Theory of Social Change*. Homewood, Ill., The Dorsey Press, 1962.
- HARVEY, David. "The Problem of Construction Theory in Ggeography". *Journal of Regional Science*, vol. 7, n.º 2 (suppl.), pp. 211-216, 1967.
- . *Explanation in Geography*. London, Edward Arnold, 1969.
- HEGEL. *Philosophy of Right* (1821). Trad. e introd. de T. N. Knox. Oxford University Press, (1942) 1962.

- HOPPER, W. David. "The Development of Agriculture in Developing Countries". *Scientific American*, vol. 235, n.º 3, pp. 197-205, sept. 1976.
- KILBY, Peter. *Industrialization in an Open Economy, Nigeria*. London, Cambridge University Press, 1968.
- KING, Leslie J. "The Analysis of Spatial Form and its Relation to Geography Theory". In: *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 59, n.º 1, mar. 1969.
- MARX, Karl. *Theories of Surplus-Value*. Moscow, Progress Publishers, Part I, 1963, Part II, 1968, Part III, 1971.
- _____. *Capital*. Book I. Moscow, Progress, 1971; New York, International Publishers (1.ª ed., 1906, Charles H. Kerr).
- MC CALL, Michael K. "Political Economy and Rural Transport, a Reappraisal of Transportation Impacts". *Antipode*, n.º 1, 1977.
- MEEROPOL, Michael. "The Green Revolution: A Discussion". *Monthly Review*, pp. 120-128, jun. 1972.
- MELIJJIN, Serafin T. *Dialéctica del Desarrollo en la Naturaleza Inorgánica*. México, Juan Grijalbo, 1963.
- OLIVIER, Robert. *Greater Djakarta, the Capital of Indonesia*. Washington, World Bank, 1971.
- OWEN, Wilfred. *Distance and Development*. Washington, D.C., The Brookings Institute, 1968.
- SACK, R.D. "Geography, Geometry and Explanation". In: *Annals of the Association of American Geographers*, vol. 62, n.º 1, pp. 61-78, 1972.
- SANTOS, Milton. *L'espace partagé*. Paris, M.-Th. Génin, 1975a.
- _____. "The Periphery at the Pole: The Case of Lima". In: GAPPERT, G. and ROSE, H. (eds.). *The Social Economy of Cities*. Beverly Hills, Sage, 1975b, pp. 335-360. (Urban Affairs Annual Reviews, vol. 9)
- _____. *The Shared Space: The Two Circuits of Urban Economy in Underdeveloped Countries and Their Spatial Repercussions*. London, Methuen, 1978.
- SCHUMPETER, J.A. *Capitalism, Socialism and Democracy*. New York, Harper and Row, 1950.
- SCHUSTER, Helmut. *Agricultural Reads*. International Bank for Reconstruction and Development, Seminar Paper Series, 1973.
- SHAW, R. d'A. "Strategies for Employment Creation in Agriculture". In: WOLMUTH, Karl (ed.). *Employment Creation in Developing Economies*. New York, Praeger, 1973.
- TODARO, M.P. "A Model of Labor Migration and Urban Unemployment in Less Developed Countries". *American Economic Review*, vol. LIX, n.º 1, pp. 139-148, mar. 1969.
- _____. "Income Expectations, Rural-Urban Migration and Employment in Africa". *Employment in Africa*. Genève, I.L.O., 1973, pp. 43-69.
- TRAN-DUC-THAO. *Fenomenología y Materialismo Dialéctico*. Buenos Aires, Nueva Visión, 1971.
- WELLHAUSEN, Edwin. "The Agriculture of Mexico". *Scientific American*, vol. 235, n.º 3, pp. 128-149, set. 1976.